

Trechos do Debate com Helenice Maria Sbrogio Muramoto e Madza Julita Nogueira

Tema: **CONEXÃO ENTRE GESTÃO ESCOLAR E PROPOSTA PEDAGÓGICA DA ESCOLA**

Pergunta - Como trabalhar com o desencanto, o comprometimento político, a sensação de impotência que permeiam o cotidiano escolar? Como acender uma velinha no final do túnel ou pelo caminho?

Helenice - Esta é uma questão complexa, polêmica. Vou colocar um pouco de como eu encaro estes fatos, sem estar citando nenhum autor. A natureza desse problema diz respeito à própria essência humana, aos valores da vida e ao porquê estamos batalhando, convivendo no mundo ou não. Vejo o homem como um ser de relações, um ser simbólico; produz valores e é a partir disso que todo o social se constrói. Ou seja, é na relação, porque na medida em que começamos a nos perceber isolados vamos nos sentindo realmente incapazes. Mesmo numa situação macro de dominação, o dominante não está sozinho. Vamos imaginar a situação macro. O pessoal da classe dominante está sozinho? Como classe hegemônica que impõe a sua visão de mundo para a sociedade funcionar aceitando a exploração... na classe dominante a comunicação, a horizontalidade deles é total a todo dia e a toda hora. É justamente à custa da nossa relação horizontal, não estamos com uma ideologia e uma interpretação das coisas bem adequadas à nossa natureza e buscando as qualidades humanas essenciais é que nos sentimos enfraquecidos. Nós temos mais é que nos relacionarmos nesse humano que tem de se explicitar cada vez mais e para todos. Acho que temos de contaminar, contaminar-se, reciprocamente, instruindo uma coisa que é maior que cada um de nós sozinho. Porque o ser humano, sozinho, não existe. Temos de ir aprofundando esse sentido de reciprocidade que a nossa própria condição humana envolve. E varro-nos contaminando no sonho, no projeto, fazendo juntos. Não tem jeito de alguém fazer um projeto para nós

e depois nós nos alistarmos, entrarmos para o partido; temos de ir fazendo juntos, quebrando acara, se entusiasmando.

Madza - Eu só poderia acrescentar ao que foi dito que acender essa luz é uma tarefa para cada um de nós, porque é uma tarefa de sobrevivência, especialmente nesse momento em que estamos vivendo uma crise tão grande que até as nossas esperanças de consolidação da transição democrática estão indo por água abaixo. Eu diria que todo diretor de escola enquanto dirigente tem muita chance de, no plano micro, desenvolver ações que representem verdadeiras luzes. E ele desenvolve essas ações sempre que deixa de se colocar enquanto uma ilha. Sempre que sua Escola deixe de ser uma ilha e entre em contato com outras instâncias da sociedade. A Escola está situada num contexto social, dentro de um bairro que tem uma série de questões e recursos culturais que podem ser utilizados. Quando o diretor abre a sua Escola para a participação da comunidade, quando ele abre a sua escola para que os alunos possam opinar, sugerir, quando permite que os professores usem a sua criatividade, ele está dando condições para que muitas luzes se acendam.

Pergunta - Na Escola, o diretor se sente muito isolado. Como trabalhar com os nossos pares a partir de uma proposta da Delegacia de Ensino? Como não transformar as reuniões de diretores em um mero momento de passagem de tarefas e avisos?

Helenice - Realmente, o diretor ficou como terminal de um sistema de dominação. Ele sofre fortes pressões e tem de implantar as coisas de qualquer jeito. Não creio, como já disse, que as pessoas isoladas tenham força para transformar as coisas. Como foi colocado, o diretor vai fazer a sua parceria ao nível de Escola, mas eu vejo também como muito importante que ele tenha um grupo de retaguarda entre seus pares diretores. Eu, como supervisora de ensino, defendo esse espaço da supervisão como sendo a legitimidade dele para favorecer esse encontro de pares. Porque se for dada ao diretor a oportunidade de ter o seu grupo para pensar a questão da direção da Escola, ele terá uma retaguarda para ir articulando o coletivo na Escola. É claro que não é assim uma coisa mágica, porque você vê que na Escola tem de tudo em termos de professor. Temos de ocupar os espaços e, com outro que tope, ir fazendo um grupo pequeno, e avançando. O diretor de escola é o supervisor imediato do trabalho dos docentes. E para ele a articulação legítima é aquela entre pares. Esse espaço da Delegacia é muito importante. -

Pergunta - O divórcio existente na Escola é fruto dos divórcios exteriores. Os setores da sociedade estão mergulhados em um clima de desconfiança recíproca. Você acredita no entendimento nacional?

Madza - **Como** já coloquei anteriormente, é muito difícil chegarmos a um entendimento numa sociedade onde existem interesses antagônicos. Um entendimento onde o mais fraco é obrigado a concordar com o mais forte não é um entendimento. O que é preciso é que as pessoas realmente consigam se fazer ouvir e as pessoas só vão conseguir ser ouvidas na medida em que elas se unirem, na medida em que elas falarem através de suas associações de classe; na medida em que elas não tratem seus problemas de uma maneira corporativista, mas unindo-se aos demais trabalhadores brasileiros que estão enfrentando também uma superexploração de sua força de trabalhosas questões dos professores, as questões trabalhistas dos professores não podem ser pensadas de maneira indissociada dos problemas que afetam os outros trabalhadores deste País. E é necessário que haja, então, uma unidade dos trabalhadores em Educação com os demais trabalhadores para que eles tenham força e possam ser ouvidos. Qualquer transformação vai ser inviável se ela não partir da base, se as necessidades daqueles que fazem Educação não forem consideradas.

Pergunta - Que relações podem ser estabelecidas entre as crises de valores morais que assolam os poderes constituídos - Executivo, Legislativo e Judiciário - e a falência da Escola? Será que um projeto pedagógico para a Escola Pública, além da dimensão social, também não deve incluir a dimensão ética?

Helenice - Essa crise de moralidade é realmente um fato. Agora, o que tenho refletido com outras pessoas é o seguinte: mesmo que não houvesse corrupção, que todo mundo tivesse trabalhando seriamente, que na burocracia não houvesse distorções; mesmo que nós não tivéssemos crise moral, caberia uma reflexão ética do ponto de vista da organização de todo nosso social, de nosso político e de nossa organização escolar e pedagógica no sentido não do que está certo ou do que está errado segundo as leis vigentes, mas até de estar questionando esse código moral para alargá-lo em termos éticos, mesmo. E pegando interesses gerais da Humanidade temo um todo. Quando a Madza coloca a questão da sociedade com interesses antagônicos, esse é um problema da Humanidade hoje no Planeta para ser resolvido. Mesmo que tivéssemos fazendo tudo sem corrupção teríamos essa injustiça legitimada, que é a forma como organizamos o trabalho e a convivência social. Acho que cabe uma problematização ética, digamos, mas não confundindo ética com moral no sentido do que está certo e o que está errado dentro de um código estabelecido, mas num questionamento do nosso próprio código. Que todo mundo seja igual, igual mesmo. E que não se faça vista grossa para essa legitimação da desigualdade que acontece com a nossa colaboração no âmbito da Escola e com a colaboração de outros profissionais no âmbito de outras instituições. A salda é do ponto de vista simbólico, de valores para avançarmos enquanto Humanidade que tem de explicitar o humano genérico cada vez mais na pessoa de cada pessoa particular. Porque o que conseguiremos evoluir como indivíduos tem relação com a nossa colaboração para que a Humanidade evolua como Humanidade.

Madza - A questão da ética tem muito a ver não só com o projeto pedagógico da Escola, mas com o projeto da nova sociedade. Eu não sei quantos de vocês tiveram a oportunidade de assistir a um filme chamado Ai, Carmela. Esse filme trata da guerra civil espanhola e mostra uma coisa que me emocionou tanto e às pessoas que estavam lá, que é a solidariedade. A solidariedade internacional. Em 1930 eram jovens de todas as partes do mundo que acorreram à Espanha lutando para que esse país não caísse nas garras da ditadura fascista de Franco, lutando para defender a República; pessoas que acreditavam numa utopia, numa sociedade justa, fraterna, numa sociedade onde o homem pudesse se desenvolver plenamente. Naquela época, em 1930, até 60 e 70, existiam sonhos. Nós, que temos quarenta anos agora, vivíamos esse sonho. Nós vivemos o sonho de 1968, nós tínhamos uma utopia. Essa utopia balançou com a queda do muro de Berlim, com a derrubada da estátua de Lenin e com todas as mudanças que estão se processando na União Soviética, não na direção da superação daquele comunismo burocrático, atrasado, que imperava naqueles países, não em direção a um socialismo pleno, com liberdade, dos nossos sonhos, mas uma mudança na direção do atraso, uma mudança na direção do capitalismo, do individualismo. Eu vejo lá as pessoas morrendo, como aqui, pelo direito de ter um tênis. Os grandes heróis da nossa sociedade, hoje, são aqueles meninos que dão a vida por um tênis para não perder o seu tênis que custa 150 mil cruzeiros. A nossa sociedade não tem mais um projeto pedagógico porque ela está voltada para valores do individualismo, do liberalismo, que estão ultrapassados, estão falidos. Os Estados Unidos, que são os campeões do liberalismo, estão falidos. E a União Soviética, se retornarem esses valores, vai falir também. Então, retornar à questão ética dentro do modelo pedagógico é pensar que projeto de sociedade queremos construir. É recuperar o sonho. O sonho não acabou, não. Ainda existe. Das ruínas do muro de Berlim, da União Soviética, vai surgir um projeto diferente. E o nosso projeto pedagógico tem de estar afinado com esse futuro, não com o presente que aí está. Não

podemos dizer que a Escola não está contaminada por essa crise moral, essa crise de valores que afeta a sociedade brasileira. Nós que trabalhamos dentro da Escola sabemos que a falta de ética também está presente lá. A falta de ética está presente quando compactuamos com o faz-de-conta. Recuperar a ética pedagógica dentro da Escola significa, ao mesmo tempo, construir o sonho de uma sociedade melhor, que supere o marco do Individualismo. Como? Através de um trabalho coletivo, através da superação das hierarquias que existem entre diretor, professor, serventes.

Pergunta - Fazendo uma síntese de sua fala, poderíamos dizer que sua proposta enfatiza a horizontalidade das relações dos componentes do projeto pedagógico na Escola. É isso mesmo? É verdade, é de verdade? Vovó crê que essa geração de dirigentes terá condições de trabalhar isso?

Helenice - É verdade que eu valorizo e enfatizo o desenvolvimento e o fortalecimento de relações horizontais. Veja que isso já faz parte desse trabalho no terreno contraditório de estarmos com essa ênfase, com esse esforço, construindo uma nova base de organização social. Então, na horizontalidade, vão estar o quê? Vão estar a solidariedade, a cooperação em lugar da competição, então esse trabalhar e fortalecer a horizontalidade está no sentido de estarmos construindo uma outra ordem social. Não é abandonar a competição, a verticalidade, o individualismo e mergulhar no caos. Não, é contrapor-nos nessa difícil luta porque são coisas contraditórias. Fomos educados num sistema, chegamos a construir características pessoais coerentes com uma ordem que de repente nessa reflexão ética enxergamos que não é melhor nem para nós nem para os nossos filhos. Então é esse esforço de transformação. Esse trabalho de fortalecer a horizontalidade já é um dos itens da construção de uma nova ordem social que tem uma contrapartida nossa e tem uma coisa externa de criarem institutos e espaços concretamente como colocamos na fala.

Pergunta - Diante de tudo que foi exposto, qual o verdadeiro objetivo da Escola Pública? Transformar a sociedade ou ensinar para que os cidadãos tenham cultura crítica?

Helenice - Não são duas coisas excludentes. Eu vejo bem que a função da Escola na sociedade seria a transmissão dessa herança cultural, todo esse conhecimento que é elaborado pela Humanidade no decurso de sua história e que são realidades provisórias e que temos por enquanto. Organizarmo-nos para realizar uma Escola com essa compreensão do que seja conhecimento está na mesma direção já da luta de direito, porque junto com a informação, com o conhecimento deve ser investigado cada método de conhecimento. Porque esse conhecimento acumulado não pode ser visto como uma coisa mitificada que apenas alguns podem produzir e outros só consumir, acriticamente